

Benivaldo Nunes Lima; Uelinton Dias; Hamilton Castro da Silva

Paulo depois de Paulo: a Escola Paulina

Nome: **Benivaldo Nunes Lima**

Titulação: Mestrando Instituição: ITEB

Nome: **Uelinton Dias**

Titulação: Mestrando Instituição: FÉ 48

Nome: **Hamilton Castro da Silva**

Titulação: Mestrando Instituição: FÉ

Resumo:

A pesquisa histórico-crítica desde o século XIX tem trabalhado com a hipótese de uma escola paulina, verificando o processo de recepção e adaptação da teologia de São Paulo, diante das necessidades pastorais diferentes e as novas exigências nos cristianismos originários, gerando os escritos conhecidos como deuteropaulinos. Essa comunicação pretende abordar o problema da definição de uma escola paulina, procurando um modelo de comparação com algumas escolas de filosofia da Antiguidade, com escolas do período do Judaísmo do Segundo Templo e as escolas do ambiente rabínico. Na investigação de alguns indícios da escola paulina, verificamos que na educação de São Paulo, pode ser observado algumas tradições importantes: a farisaica, a helenística e a cristã. Na recepção dessas tradições durante o trabalho itinerante paulino, constata-se a presença de colaboradoras e colaboradores de Paulo, que seriam missionários itinerantes que colaboravam com ele durante um período de tempo. Essas colaboradoras e colaboradores seriam líderes nas respectivas comunidades fundadas pelo apóstolo Paulo. Nesse quadro funcional de participantes do projeto missionário, percebe-se que os colaboradores estavam diretamente vinculados com algumas comunidades cristãs, onde eles assumiam a função de corretores das cartas paulinas. Essa comunicação tem como pressuposto, que a escola paulina, ou até mesmo, as escolas paulinas, tem suas origens nesse círculo de colaboradores, que seriam os portadores e mantenedores da tradição da herança da teologia paulina. Eles procuravam manter a tradição oriunda de São Paulo, produzindo literatura que atendessem as novas demandas e as novas contextualizações culturais do cristianismo, produzindo a literatura deuteropaulina.

A pesquisa bíblica desde o século XIX, através do método histórico-crítico, verificou que na história da recepção do pensamento paulino, pode se observar uma escola paulina. A pesquisa trabalha com o pressuposto que das treze cartas atribuídas a Paulo, sete são autênticas e seis são deuteropaulinas. O motivo da elaboração desta literatura pseudepigráfica foi à necessidade de responder a novas atualizações, objetivando uma busca de adaptação da religião cristã, procurando torna-la aceitável para os padrões culturais do ambiente cultural romano e a legitimação de doutrinas eclesíásticas recorrendo ao nome de Paulo para dar autoridade a esses escritos.

A escola paulina: avaliação de uma hipótese

Definição do termo escola paulina

Os escritos conhecidos como deuteropaulinos são o resultado de um processo de recepção intensa e variada da pessoa de Paulo e sua teologia (DETTWILLER, LOYOLA, KAESTLI, 2011, p. 439). A pesquisa tem trabalhado que desde o século XIX, encontra-se a inserção do apóstolo em tradições de escola, objetivado a sustentação e atualização da tradição paulina (SCHNELLE, 2010, p. 175),

A escola paulina designa um círculo de portadores de tradição que, em parte, provavelmente influenciada por colaboradores de Paulo, desenvolveu uma atividade de manutenção da herança paulina, fazendo referência à figura de Paulo, em particular ao seu apostolado: coleção e redação de seus escritos, desenvolvendo ao mesmo tempo sua própria atividade literária (produção de literatura deuteropaulina). Por falta de dados, esse grupo de portadores de tradição, não pode ser sociologicamente identificado com suficiente precisão (DETTWILLER, LOYOLA, KAESTLI, 2011, p. 440).

Um paradigma: Escolas Judaicas e Filosóficas da Antiguidade

As pesquisas sobre escolas de tradição veterotestamentária-judaica possuem resultados modestos. No rabínismo pode ser identificada uma escola com bons resultados (DETTWILLER, LOYOLA, KAESTLI, 2011, p. 439). Paulo, de tradição oriunda dos fariseus, passou por uma tradição de escola (SCHNELLE, 2010, p.175). Suas cartas nos indicam que ele, como um judeu do ambiente da diáspora, provavelmente não desconhecia as escolas filosóficas da

antiguidade, tendo acesso e condições de cooptar estruturas literárias do helenismo (SCHNELLE, 2010, p. 175),

Semelhanças entre antigas escolas filosóficas e a escola de Paulo são evidentes: personagem fundador, discussão e interpretação de escritos, comensalidades, ideal de amizade, construção de identidade em delimitação ao mundo exterior, atividade de ensino em vários lugares, viagens acompanhadas por discípulos, fundação de círculos de simpatizantes (SCHNELLE, 2010, p. 175-176).

Dettwiller (2011, p. 442) entende que o ambiente das escolas filosóficas do mundo greco-romano seria o terreno mais promissor para a pesquisa acerca da escola paulina. “Entre as escolas filosóficas mais importantes – a escola pitagórica, a Academia de Platão, o Λύκειον de Aristóteles, o “Jardim de Epicuro” e a escola da Stoa –, as duas últimas parecem ter tido a maior popularidade na época de Paulo” (DETTWILLER, LOYOLA, KAESTLI, 2011, p. 442).

A Educação e a Formação Teológica de Paulo

A língua materna de Paulo foi o grego, sendo criado em Tarso, seu trabalho missionário se estendeu em sua maior parte na Ásia Menor e na Grécia, isso indica uma cultura helenística sobre o apóstolo (DETTWILLER, LOYOLA, KAESTLI, 2011, p. 439; SCHNELLE, 2010, p. 85). Paulo recebeu uma educação no farisaísmo, como atestam indiretamente Filipenses 3.5-6 e Gálatas 1.14 (DETTWILLER, LOYOLA, KAESTLI, 2011, p. 449). A informação lucana em Atos 22.3; 26.4-5 é bastante questionável. De acordo com Bultmann (2001, p. 81),

Antes de sua conversão, Paulo talvez jamais tenha estado em Jerusalém, e é uma lenda aquilo que At 7.58-8.3 relata a respeito de sua participação no apedrejamento de Estevão, assim como a informação de At 22.3 de que ele teria sido discípulo de Gamaliel.

Todavia, é bastante provável, que Paulo não poderia ter adquirido uma formação farisaica fora de Jerusalém. As notícias sobre escolas superiores judaicas fora de Jerusalém são bastante escassas (DETTWILLER, LOYOLA, KAESTLI, 2011, p. 439; SCHNELLE, 2010, p. 446). Além, do mais, Jerusalém era o centro da formação dos fariseus (DETTWILLER, LOYOLA, KAESTLI, 2011, p. 446; VERMES, 2006, p. 271).

Após os acontecimentos de Damasco, entre os anos 30 e 48, Paulo foi se familiarizando com as tradições da fé cristã. A comunidade Antioqueana

parece ter tido influência sobre sua identidade teológica. Algumas tradições pré-paulinas encontradas em certas cartas autênticas, demonstram que Paulo absolveu tradições eclesíásticas nos cristianismos originários (DETTWILLER, LOYOLA, KAESTLI, 2011, p. 446).

Estruturas da Escola Paulina

Paulo como “pai” fundador das comunidades cristãs,

“Não vos escrevo estas coisas para vos envergonhar; pelo contrário, para vos admoestar como a filhos meus amados. Porque, ainda que tivésseis milhares de preceptores [παιδαγωγούς] em Cristo, não teríeis, contudo, muitos pais; pois eu, pelo evangelho, vos gerei em Cristo Jesus”. (I Co 4.14- 15).

Paulo se serve da imagem de pai para designar sua relação com seus colaboradores (I Co 4.17; Fl 2.22; II Co 12.14; I Co 9; 3.1-3; 4.21; 11.2). A construção de uma relação afetiva com suas comunidades desenvolve uma relação de afetividade entre Paulo e suas comunidades, durante toda a vida do apóstolo (DETTWILLER, LOYOLA, KAESTLI, 2011, p. 447-448). De acordo com Schnelle (2010, p. 177),

Antes de sua missão independente, Paulo foi marcado em intensidade diversificada por tradições de escolas, de modo que a fundação de uma escola própria deve ser considerada apenas lógica. A argumentação em favor da existência de tal escola paulina são as observações que seguem [...] Paulo como receptor de revelação (I Co 9.1; 15.8; Gl 1.1,12), modelo normativo (I Ts 1.6s; I Co 4.16; 7.7s; 11.1; II Co 4.2; 6.11-13; Gl 4.12; Fp 4.9) e mestre inspirado (I Co 2.12016; 4.17; 7.40; 14.6,19,37; Gl 1.8; Fp 3.15).

O apóstolo como modelo de vida (*imitatio pauli*), a correspondência coríntia, mas igualmente em Filipenses (1.12-14; 3.17) e Gálatas (4.12), a *imitatio pauli* é uma ideia importante. As comunidades destinatárias são chamadas a imitar Paulo como modelo de vida (DETTWILLER, LOYOLA, KAESTLI, 2011, p. 448). O que constitui o objeto de sua imitação não é sua personalidade, mas precisamente sua conformidade com a existência do Cristo crucificado – existência que se caracteriza pela recepção do sofrimento e, finalmente, pelo amor, ou seja, a imitação de Paulo adquire toda a sua profundidade e a sua força de persuasão na perspectiva da cruz (I Co 11.1), (DETTWILLER, LOYOLA, KAESTLI, 2011, p. 449).

Paulo, seus colaboradores e colaboradoras

São Paulo não era um pregador nômade, as epístolas protopaulinas mencionam cerca de quarenta personagens que devem ser consideradas como colaboradoras e colaboradores. Pertenciam ao grupo mais próximo de Paulo, primeiramente Barnabé (At 15.36-40; Gl 2.13), Silvano (I Ts 1.1), Timóteo (I Ts 1.1; II Co 1.1; Fl 1.1; Fm 1); Tito, Sóstenes (I Co 1.1) e outros (SCHNELLE, 2010, p. 177).

Os colaboradores e as colaboradoras de Paulo eram, em sua maioria, delegados das comunidades fundadas pelo apóstolo. Nessa função, participavam do projeto missionário de Paulo, mantendo o vínculo com as comunidades [...] e assumindo sua tarefa, pontual de corretores das cartas de Paulo [...] Em outras palavras: esse grupo de colaboradoras e colaboradores constitui provavelmente o grupo central da “escola paulina” (DETTWILLER, LOYOLA, KAESTLI, 2011, p. 450-451).

A existência da literatura deuteropaulina; pseudepigrafia.

Partimos do pressuposto exegético que seis escritos que fazem parte do *corpus paulinum* devem ser compreendidos como deuteropaulinos, obras que possuem a pretensão de pertencerem a Paulo, mas que foram redigidas por pessoas desconhecidas no período posterior a morte do apóstolo. Todavia, este grupo redacional estava bem familiarizado com a herança paulina (DETTWILLER, LOYOLA, KAESTLI, 2011, p. 447-448).

As cartas deuteropaulinas (Cl, Ef, II Ts, Cartas Pastorais) indicam a existência de uma escola paulina que deu continuidade ao legado do apóstolo, após sua morte (SCHNELLE, 2010, p. 179). Helmut Koester (2012, p. 317), acerca das pastorais, nos informa que “essas três cartas, que formam uma unidade em sua linguagem, conceitos teológicos e intenção, e que foram redigidas pelo mesmo autor, diferem acentuadamente de todas as outras cartas do corpus paulino”. Bornkamm (2009, p. 366) entende que na Igreja antiga circularam muitas epístolas inautênticas produzidas com o nome de Paulo.

Quais eram as razões da emergência da literatura deuteropaulina? Ou seja, por que os discípulos não escreveram utilizando seu próprio nome, mas recorreram ao nome do apóstolo Paulo objetivando maior valoração e legitimação dos seus escritos? A resposta precisa ser abordada a partir do caráter transitório da pseudepigrafia do Novo Testamento, tendo em vista que estes escritos foram produzidos entre 70 e 110. Partindo deste contexto, a melhor resposta seria que literatura deuteropaulina surgiu como necessidade

de resposta no ambiente das discussões eclesiológicas (DETTWILLER, LOYOLA, KAESTLI, 2011, p. 452).

Não existia outra autoridade eclesial da envergadura de Paulo nesse período. Somente falando em nome de Paulo é que se tinha a chance de ser entendido nas comunidades paulinas. Fenômeno paradoxo à primeira vista apenas: a morte de Paulo suscitou ao mesmo tempo sua ressurreição literária pela emergência da literatura deuteropaulina (DETTWILLER, LOYOLA, KAESTLI, 2011, p. 453)

Para as comunidades paulinas, a morte do apóstolo, que representava uma figura de estabilidade dessas respectivas igrejas, provocou insegurança (DETTWILLER, LOYOLA, KAESTLI, 2011, p. 453). O processo de desenvolvimento de liderança eclesiástica estava num estágio recente e rudimentar. A manutenção e atualização da herança paulina tornava-se um problema crítico e emergente. A Igreja de II Pedro se encontrava com o problema da interpretação das cartas de Paulo, em relação aos demais escritos (THEVISSSEN, KAHMANN, DEHANDSCHUTTER, 1999, p. 173). Na ausência do apóstolo, os portadores da tradição paulina, aparentemente não tinham outra opção, senão a utilização da autoridade paulina para legitimar seus escritos, recorrendo a pseudepígrafia (CULLMANN, 2003, p. 65; DETTWILLER, LOYOLA, KAESTLI, 2011, p. 453).

Leitura e circulação das cartas

Um indício em prol da hipótese da escola paulina está vinculado à constituição do *corpus paulinum*, mediante o processo de cópias dos manuscritos (PAROSCHI, 2012, p. 85-86; THEVISSSEN, KAHMANN, DEHANDSCHUTTER, 1999, p. 173). Desde o início, as cartas de Paulo foram lidas em voz alta nas comunidades (I Ts 5.27; Rm 16.16; Gl 1.2; Cl 4.16). Colossenses, a carta deuteropaulina mais antiga, informa à troca das cartas, “Quando tiverdes lido a minha carta, empenhai-vos para que a leiam também na Igreja de Laodiceia. Quanto a vós, lede a que vier de Laodiceia” (Cl 4.16), (DETTWILLER, LOYOLA, KAESTLI, 2011, p. 453). II Tessalonicenses pressupõe o conhecimento de falsas cartas paulinas (II Ts 2.2; 3.17). Durante a vida de Paulo, suas cartas já apontavam autoridade (II Co 10.10), indicando o motivo para que fossem reunidas e colecionadas posteriormente. Essas observações apontam para a autoridade atribuída a Paulo nas igrejas paulinas, durante o período de vida do apóstolo (DETTWILLER, LOYOLA, KAESTLI, 2011, p. 454).

Modificação redacional de cartas existentes

Outro indício em favor da escola paulina é o fato de que, logo após a morte de Paulo, suas cartas passaram por ligeiras modificações. Textos ou fragmentos textuais que foram inseridos posteriormente nas cartas de Paulo (Rm 16.25-27; 14.33b-36; II Co 6.14-7.1). II Coríntios parece ser uma composição ulterior de vários fragmentos de cartas do Paulo histórico (STEGEMANN; STEGEMANN, 2004, p. 334-341). Alguém teve que reunir os fragmentos da carta ou a própria carta para apresentar uma redação coerente (DETTWILLER, LOYOLA, KAESTLI, 2011, p. 454).

Coleção e reunião das cartas: a construção do corpus paulinum

Parece que o processo de coleção e de classificação das cartas paulinas estava bem avançado no fim do primeiro século ou início do segundo (DETTWILLER, LOYOLA, KAESTLI, 2011, p. 455). Desde o século II, as cartas de Paulo circularam em forma de coleção, e não separadamente. Foi como coleção que os cristãos do século II em diante as conheceram (BRUCE, 2011, p. 118). A primeira evidência para a existência de uma coleção é apresentada por Marcião no século II d.C (DETTWILLER, LOYOLA, KAESTLI, 2011, p. 455)

A edição de Marcião das cartas de Paulo (seu Apóstolo), publicada por volta de 144, baseou-se mais provavelmente em um códice paulino que lhe era conhecido, que (semelhante à própria edição de Marcião) não incluía nem Hebreus, nem as epístolas pastorais. A inferência mais natural dessa evidência como a temos, sugere que a edição de original da coleção das obras paulinas continha somente dez cartas (BRUCE, 2011, p. 119).

É possível que as pastorais foram incluídas na coleção das cartas de Paulo, como resposta da igreja católica à atitude do Marcião de apresentar um “cânon” às comunidades cristãs (BRUCE, 2011, p. 120). Parece que Marcião conhecia as cartas pastorais (KOESTER, 2012, p. 317),

Dúvidas sobre a autenticidade das Epístolas Pastorais foram levantadas já no início do século XIX; estudos recentes acumularam um número tão impressionante de argumentos conclusivos contra a autenticidade dessas cartas, que só é possível manter a autoria paulina com base em hipóteses intrincadas e numa torrente de improbabilidades históricas (KOESTER, 2012, p. 317).

De acordo com Crossan (CHEVITARESE; CORNELLI, 2009, p. 91),

Tais julgamentos são baseados em diferenças de estilo, tom, vocabulário e conteúdo em relação às sete epístolas consideradas autênticas. As cartas pós-paulinas foram escritas em nome de Paulo por uma tradição posterior e mostram-se, na realidade, antipaulinas em certos assuntos, como a escravidão e o patriarcado, assuntos em relação aos quais o radicalismo do Reino de Deus nega, muito óbvia e praticamente, a normalidade do Reino de Roma.

CONCLUSÃO

O elo principal de ligação entre literatura protopaulina com a literatura deuteropaulina consiste no cuidado de preservar a herança de seu fundador. Existem elementos comuns nos estágios das redações. Todavia, pode ser verificada certa diversidade nesses processos redacionais. A hipótese da escola paulina torna plausível a preservação, coleção e redação da herança da tradição paulina, objetivando a organização da Igreja de acordo com os padrões de direitos e virtudes sociais dos cidadãos. As cartas pastorais com o objetivo de organizar a igreja em nome de Paulo consolidou o cristianismo como religião organizada e palatável a cultura da época, entre os anos 120-160. Valorando e legitimando comportamentos, apresentando um Paulo depois de Paulo, isto é, a escola paulina.

REFERÊNCIAS

- BORNKAM, Günter. Paulo: vida e obra. São Paulo: Academia Cristã, 2009.
- BRUCE, F.F. O Cânon das Escrituras: como os livros da Bíblia vieram a ser reconhecidos como Escrituras Sagradas. São Paulo: Hagnos, 2011.
- BRUCE, F.F. Paulo, o apóstolo da graça: sua vida, cartas e teologia. São Paulo: Shedd, 2003.
- BULTMANN, Rudolf. Ensaio Seleccionados: crer e compreender. São Leopoldo: Sinodal, 2001.
- CHEVITARESE, André; CORNELLI, Gabriele (Orgs). A descoberta do Jesus histórico. São Paulo: 2.ed. Paulinas, 2010.
- CULLMANN, Oscar. A Formação do Novo Testamento. São Leopoldo: Sinodal, 2001.
- DEHANDSCHUTTER, B. KAHMANN, J.J.A; THEVISSSEN, G. As Cartas de Pedro, João e Judas. São Paulo: Loyola, 1999.

DETTWILLER, Andreas; LOYOLA, Jeas; KAESTLI, Daniel. Paulo: uma Teologia em construção. São Paulo: Loyola, 2011.

KOESTER, Helmut. Introdução ao Novo Testamento 2: história e literatura do cristianismo primitivo. São Paulo: Paulus, 2012.

PAROSCHI, Wilson. Origem e Transmissão do Texto do Novo Testamento. São Paulo: SBB, 2012.

SCHNELLE, Udo. Paulo: vida e pensamento. São Paulo: Academia Cristã, Paulus, 2010.

STEGEMANN, Ekkehard; STEGEMANN, Wolfgang. História Social do Protocristianismo: os primórdios no judaísmo e as comunidades de Cristo no mundo mediterrâneo. São Paulo: Sinodal, Paulus, 2004.

VERMES, Geza. As Várias Faces de Jesus. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 2006.